

Encontro con José António Gomes / João Pedro Mésseder en Porto

Ana Margarida Ramos
Blanca Ana Roig-Rechou

José António Gomes (Gaia, 1956) assina textos de crítica e de investigação literária, foi durante anos colaborador permanente do semanário *Expresso* e é director da Revista *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*, professor na Escola de Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, e uma referência incontornável nos estudos sobre literatura para a infância em Portugal para além de ter publicado vários trabalhos sobre a literatura canónica. Das suas múltiplas publicações, destacam-se *Literatura para Crianças e Jovens: Alguns Percursos* (Caminho, 1991), *A Poesia na Literatura para a infância* (Asa, 1993), *Da Nascente à Voz: Contributos para uma Pedagogia da Leitura* (Caminho, 1996), *Livro de Pequenas Viagens: Estudos e Recensões sobre Literatura Portuguesa Contemporânea / Literatura para a Infância* (Contemporânea, 1997), *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude* (IPLB, 1998), *Sophia, Infância e Apelo do Mar* (Contemporânea, 2000). Organizou várias antologias, das quais se salientam *Fiz das Pernas Coração: Contos Tradicionais Portugueses* (Caminho, 1999), *Conto Estrelas em Ti: Dezassete Poetas Escrevem para a Infância* (Campo das Letras, 2000), *Contos da Cidade das Pontes* (Ambar, 2001), *Houve um Tempo Longe – Vila Real de Trás-os-Montes na Obra de Luísa Dacosta* (ASA, 2005).

329

João Pedro Mésseder é o nome literário com que o professor, investigador e crítico de literatura, José António Gomes, assina as suas produções literárias destinadas quer a crianças quer a adultos, uma espécie de jogo com o leitor, que permite – como se de uma semi-heteronímia se tratasse – separar as identidades e, sobretudo, as actividades editoriais levadas a cabo no campo científico e no domínio literário. Tem publicado, desde 1999, várias obras e

encontra-se representado em diversas antologias. O seu livro de poesia *Fissura* foi distinguido com o Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho – 1999 e *Versos com Reversos* (Caminho, 1999) e *Palavra que Voa* (Caminho, 2005) foram nomeados, em anos diferentes, para a IBBY Honour List. *Timor Lorosa'e: A Ilha do Sol Nascente* (Ambar, 2001) foi seleccionado para a lista White Ravens 2003 pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique.

O homem e a vida (infância e juventude)

ANA MARGARIDA RAMOS / BLANCA-ANA ROIG RECHOU.

Nasceu em Gaia e tem vivido toda a sua vida no Porto. Como é a sua relação com esta cidade?

JOSÉ ANTÓNIO GOMES. É uma relação ambivalente a que a escrita por vezes dá forma. Em certos dias, uma relação afectuosa, que me prende à gente mais humilde do Porto – capaz do melhor e do pior – e a um ou outro lugar a certas horas, iluminado por uma luz mais limpa do que a habitual na cidade. A Ribeira do Porto, por exemplo, é um cenário de filme, para mim sem paralelo (e já vi cidades admiráveis). Habituei-me a desfrutar a Foz do Douro desde a infância, com as idas à praia no eléctrico. Gosto muito do centro histórico, da camiliana Rua das Flores e dos seus alfarrabistas, dos ecos de *A Família Inglesa*, de Júlio Dinis, na Rua de Cedofeita e na Rua do Infante, das sombras de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Ruben A. no Campo Alegre; gosto dos Clérigos, das Carmelitas... da baixa, em suma, e das suas numerosas livrarias, dos muitos cinemas que frequentei e já não existem, do histórico Café Piolho que foi a minha verdadeira universidade – lugar de muitos projectos, namoros, conspirações... E gosto da Avenida dos Aliados e da Praça da Liberdade, locais de todos os sobressaltos cívicos.

Tive uma educação católica cujos fundamentos assumo e aceito, depurados das perversões com que a hierarquia eclesiástica os manchou. Sinto, porém, uma funda aversão pela velha burguesia do Porto e pelo seu fechado conservadorismo católico, pelo bairrismo portuense (que é uma forma desprezível de provincianismo), pela sujidade que conspurca a cidade. E também me dou mal com certa bruma, atlântica e romântica, que a certas horas embebe o Porto e o entorpece. Mas reconheço que, a juntar às sombras de numerosos escritores

e outros artistas, é este um dos elementos que convertem o Porto numa cidade muito literária e mítica, que seduz também por isso.

Para mim, o Porto – como Veneza – é uma “cidade incurável” (recorro ao título do livro de poesia que publiquei, em 1999, na Editorial Caminho).

Por tudo isto, acho que, tendo nascido em Gaia – que fica na outra margem do Douro –, pertença ao Porto. Em boa verdade, Porto e Gaia formam uma única cidade.

AMR / B-ARR. *Como recorda a sua infância? Que memórias mais acarinha?*

JAG. Recordo uma escola salazarista, autoritária e repressiva, a cheirar a sacristia, que era avessa ao pensamento desviante e à crítica, incutia medo e me provocava ansiedade. Mas lembro também uma meninice entre o animado e o triste, vivida no Bairro da Fontinha (Travessa das Musas), mesmo no coração do Porto e não longe do local (a Rua das Musas) onde, em 1900, nasceu o poeta José Gomes Ferreira (falo disso no “Conto da Travessa das Musas”, incluído no livro infantil *Contos da Cidade das Pontes*, Ambar, 2001). Um bairro onde, na viragem do século XIX para o século XX, germinara um importante movimento associativo operário que teve expressão em lutas e reivindicações de certa monta. Não consigo, por outro lado, esquecer os intermináveis verões da infância, primeiro na Foz, mais tarde na Leça da Palmeira de António Nobre, vividos com as minhas primas. O meu amor pela água, pelos barcos e pelas pedras nasceu aí. O Verão começava, aliás, com a incontinência da festa da noite de S. João (23 para 24 de Junho), em que o Porto da minha infância descia às ruas e estas se inundavam de uma multidão eufórica, liberta de preconceitos sociais. Durante uma noite e uma madrugada, todos viviam a ilusão de serem iguais e de desfrutarem uma liberdade que, na verdade, não existia (refiro-me ao irrespirável tempo do fascismo).

Guardo outra memória feliz: a de um tio que trabalhou anos e anos na Civilização (de longe a melhor editora portuguesa de literatura infantil e juvenil dos anos sessenta) e que, desde cedo, povoou a minha infância de livros inesquecíveis.

AMR/B-ARR. *Hoje é professor. Recorda, por algum motivo especial, algum(ns) professor(es) marcantes?*

JAG. Fiz os primeiros estudos na escola primária (já extinta) da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, junto à bela Praça Marquês de Pombal, com os seus edifícios do princípio do século passado e uma pequena biblioteca, num canto de um grande jardim cheio de plátanos, que fez as delícias da minha adolescência. Depois estudei no gigantesco Liceu Nacional Alexandre Herculano. Recordo alguns professores que me marcaram: Luís Amaro de Oliveira (especialista em Cesário Verde, metodólogo e meu modelo de professor), a poeta Lucinda Araújo, o escritor Agostinho Gomes, Maria Teresa Vale, que escrevia peças de teatro, Diogo Alcoforado, poeta e especialista em Estética, e Hermínia Brandão, que era tradutora. Cada um, a seu modo, parecia estar contra a situação (a ditadura salazarista-marcellista) e isso transparecia por vezes nas suas palavras.

Mas acarinho, sobretudo, a memória de Luís Amaro de Oliveira, que fazia parte da tertúlia de José Régio e de Manoel de Oliveira, na Póvoa de Varzim. Era a imagem da autoridade natural, do saber também. Admirava a sua postura física e os gestos, a voz, o sereno modo de caminhar, de fumar e de construir o discurso. A sua afabilidade distante, o seu ar *British*. A ele devo o gostar, desde cedo, de *Os Lusíadas* de Camões (episódio da Ilha dos Amores incluído, pois Luís Amaro fez questão de o apresentar, numa época em que tal era desaconselhado, quase proibido).

AMR/B-ARR. *Cresceu durante um período complicado da História portuguesa. Viver sob a Ditadura de Salazar e, posteriormente, de Marcello Caetano, deixou-lhe algumas marcas?*

JAG. Muitas marcas. Ainda vivi a escola elitista, autoritária e repressiva do salazarismo, em que, por vezes, se ensinavam coisas imbecis de modo imbecil, sobretudo em História, em Geografia, em Organização Política e Administrativa da Nação, em Religião e Moral... (aprendi, pelo menos, o sentido do ridículo – e que o humor é uma arma letal contra a arbitrariedade e o autoritarismo). Ainda fui obrigado a frequentar as actividades da Mocidade Portuguesa (a organização juvenil do salazarismo). Mas a minha consciência política começou a germinar muito cedo, aí por volta dos catorze anos, pois o Liceu Alexandre Herculano era um lugar de inquietação juvenil. Discutia-se cinema, música, literatura. Circulavam clandestinamente panfletos denunciando as prisões políticas, a repressão policial ou exprimindo uma clara oposição à Guerra Colonial. Cheguei a ver as carrinhas da polícia de choque à

porta do liceu, por ocasião das celebrações (proibidas) do 1º de Maio na cidade. Para os adolescentes da minha geração, a perspectiva da incorporação forçada no exército para combate em África, numa guerra absurda e injusta, era uma espada de Dâmocles que desassossegava. O chamado “canto de intervenção” (José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco...), a guitarra de Carlos Paredes, o espírito de rebeldia que, nessa altura, ainda se desprendia de alguma música popular anglo-saxónica (Dylan, The Rolling Stones, The Doors, Jimi Hendrix, Janis Joplin...), de certas canções em língua francesa (Brel, Ferré, Brassens...) ou castelhana (Paco Ibañez...) e do *free jazz* contribuíram, de maneira decisiva, para a minha formação. Por isso, ao entrar na Universidade, em 1973, foi natural a integração no movimento estudantil de contestação à ditadura e à Guerra Colonial – que crescera a partir das crises de 1962, em Lisboa, e de 1969, em Coimbra.

AMR/B-ARR. *E o 25 de Abril? O tratamento que dá ao tema na sua obra leva a crer que esta data tem para si um significado particular. Como vê Portugal 34 anos passados sobre a Revolução dos Cravos?*

JAG. Tentarei uma resposta mais literária do que política. O 25 de Abril e os anos de 1974 e 1975 constituíram uma experiência única. Tratou-se da última grande revolução na Europa, uma vivência irrepetível de liberdade e de participação na construção de um país que renascia, mais justo, solidário e igualitário. Procurei traduzir esta sensação num aforismo inédito, pertencente ao ciclo – em progresso – do meu livro *Abrasive* (Deriva, 2005) em que afirmo: “Nas revoluções, o tempo é espezinhado, meses a fio. Até se erguer de novo a ditadura dos relógios.” Trinta e quatro anos depois de Abril, vivemos sob essa “ditadura dos relógios”, que é também a ditadura de um poder económico cuja pátria é o dinheiro, democraticamente não legitimado, que impôs o primado do individualismo, um estranho conceito de liberdade e instaurou a intoxicação mediática e a mentira como instrumentos de regulação da velha ordem social, de reforço de um *status quo* socialmente iníquo. O facto de termos em Portugal uma revista literária que se chama *O Egoísta* e uma estrutura cultural com o nome *Companhia do Eu* não é mais do que um sinal dos tempos bisonhos, de “apagada e vil tristeza” (Camões) em que vivemos.

Procurei dar conta do antes e do pós-25 de Abril no meu livro infantil *Romance do 25 de Abril* (Caminho, 2007). Outras vivências da Revolução vieram incrustar-se em textos que escrevi para o público adulto. Num poema de *Uma*

Pequena Luz Vermelha (Alma Azul, 1999) escrevi sobre o dia 25 de Abril: “Há dias em que o silêncio se cala / e uma voz ergue um canto nunca ouvido.”

Importa ainda dizer que a Revolução de 1974-75, que atravessou o país de lés a lés, teve os seus epicentros em Lisboa, na margem sul do Tejo e no Alentejo, com a abortada Reforma Agrária. Também no Porto, é claro. Mas o certo é que, no modo como senti esses anos, a Revolução ficou muito ligada às terras do sul e à pulsão cívica do seu povo. Isso veio conjugar-se com uma atracção crescente por certo despojamento e pureza de traços das paisagens meridionais, mediterrânicas. Encontro aí as raízes de tudo o que escrevi e continuo a escrever em torno desses cenários. Por exemplo, no meu livro *Meridionais* (Deriva, 2007). Também provêm desse húmus alguns poemas mais solares, destinados aos mais novos e publicados no meu livro *O g É um Gato Enroscado* (Caminho, 2003) e em outro que escrevi com Francisco Duarte Mangas: *Breviário do Sol* (Caminho, 2002).

AMR/B-ARR. *O que o fez decidir pelos estudos superiores em Letras? Como viveu o tempo dos seus estudos na Universidade?*

334

JAG. Fundamentalmente foi a paixão pela literatura e pelas artes – que, contudo, não encontrou resposta à altura durante os estudos de licenciatura, pelo que fui fazendo como que uma aprendizagem paralela, ao sabor de descobertas pessoais, muito avessa a seguidismos e carreirismos e centrada na poesia portuguesa contemporânea, em certa literatura norte-americana do século XX e no estudo da então chamada contracultura, na América, e das teses da Internacional Situacionista de Guy Débord e Raoul Vaneigem. Reconciliei-me com o mundo universitário nos estudos de pós-graduação, de mestrado e de doutoramento, em parte graças a uma professora e ensaísta de excepção: Clara Crabbé Rocha, filha de Miguel Torga e da investigadora André Crabbé Rocha. Para mim – e porque os primeiros anos da licenciatura foram vividos em plena Revolução –, a Universidade começou sobretudo por ser um espaço de formação cívica e de participação em pequenos projectos culturais de gestão colectiva. Daí o ter estado na origem de (ou ter colaborado em) diversas publicações marginais dos finais dos anos setenta, como *Off*, *Avatar*, *Quebra Noz*, *Pé de Cabra*.... No plano literário, foi um movimento heterogéneo e sem conteúdo geracional relevante, em que se cruzavam uma atracção serôdia pelo surrealismo, os ecos da poesia *beat* norte-americana e a permeabilidade a alguma poesia portuguesa dos anos sessenta e setenta. Para mim teve significado

peçoal, pela ligação, entre outros, a José Soares Martins (professor universitário, escritor, letrista), Carlos Tê (letrista e autor de ficções), João Gesta (programador cultural, escritor), Leopoldino Serrão, poetas como Laureano Silveira e Jorge Sousa Braga e gente que mais tarde abandonou a escrita como José Pinto Leite e António Torres.

A obra (estudos, ensaios, investigação...)

AMR/B-ARR. *Terminados os estudos, começou a leccionar. Como foram esses primeiros anos? E quando decidiu ou como aconteceu a sua ligação à formação de professores?*

JAG. Esses primeiros anos foram de dolorosa adaptação à chamada normalização democrática (expressão que diz muito...) e de aprendizagem do ofício de professor do ensino secundário, num meio rural e socialmente deprimido, e mais tarde do então ensino preparatório (5º e 6º anos), em meio suburbano. Ensinava Inglês e Português. Nasceu aí o meu interesse pela literatura infantil e juvenil – que logo despertou as memórias felizes das minhas próprias leituras. Fiz depois, com empenho, um estágio pedagógico de dois anos, com prática lectiva supervisionada, e de imediato fui convidado a trabalhar na formação de professores de Português (cheguei a publicar três manuais para o ensino da Língua Portuguesa). Dois anos depois, ingressei por concurso na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e, um ano mais tarde, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto onde lecciono há vinte e um anos. Comecei por me interessar pela Didáctica da Literatura, mas enveredei, nos meus estudos de mestrado e de doutoramento, pela área das Ciências Literárias.

AMR/B-ARR. *Como vê o ensino universitário em Portugal e a formação de professores em particular? Que consequências terão, no seu entender, estas reformas sucessivas do ensino em Portugal?*

JAG. Com o tempo fui-me tornando céptico. A ideia que tenho é que, nas últimas duas décadas, existiu uma perniciosa desvalorização da formação humanística e científica de base (em literatura e teoria literária, linguística, cultura e história da cultura, para falar, por exemplo, no caso dos professores de

línguas e dos educadores de infância e professores do Ensino Básico, 1º e 2º ciclos), isto em favor de uma formação pedagógico-didáctica nem sempre consistente. Sem pôr em causa a pertinência formativa das Ciências da Educação, direi contudo que as reestruturações feitas no quadro do processo de Bolonha, pelo menos na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, procuraram acudir a este grave problema.

Relativamente à política dos sucessivos Ministérios da Educação, acho que atingiu níveis de degradação inimagináveis, motivados pela situação económica do país e pelo enfeudamento aos ditames neo-liberais. No tocante ao ensino universitário e politécnico em geral, creio que assistimos a um desinvestimento generalizado no Ensino Superior público e a uma tentativa conjugada, por parte dos governos e do poder económico que os controla, no sentido de mercantilizar a formação superior, tornar a pós-graduada apenas acessível a alguns e criar instituições de primeira e outras de segunda e terceira linha. São, a meu ver, os efeitos nefastos do neo-liberalismo.

AMR/B-ARR. *Os seus primeiros trabalhos em termos de investigação estão associados à literatura para a infância. Como era, nessa altura, estudar esta produção literária? Como era vista então em Portugal e que diferenças existem em relação aos dias de hoje?*

JAG. Comecei a investigar em literatura para a infância nos anos oitenta. Dispúnhamos de algumas bases preciosas: reportórios bibliográficos (desde o final dos anos vinte), além dos trabalhos de história da literatura elaborados por Esther de Lemos, Natércia Rocha e Maria Laura Bettencourt Pires. Por outro lado, tínhamos já escritores com reflexões públicas de relevo sobre a criação literária para crianças, como Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo, António Torrado, Maria Alberta Menéres ou Luísa Ducla Soares. Mas, praticamente, não existia crítica, muito menos teoria. No domínio da divulgação, apenas Mário Castrim e Alice Vieira animavam regularmente pequenos espaços na imprensa diária, em que os livros para crianças eram aflorados. A visibilidade da literatura para a infância era quase nula e apenas existia um encontro bienal de reflexão, em que autores, alguns poucos estudiosos e os mediadores da leitura podiam dialogar. Eram os Encontros de Literatura para Crianças, organizados pelo então Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian sob o persistente impulso de David Mourão-Ferreira e Natércia Rocha.

Por vezes, tinha a sensação de que estava tudo por fazer: teoria, novas propostas no campo da história literária, crítica regular, estudo de temas, géneros e autores, abordagens comparatistas, análise da imagem, formação de mediadores, etc. Mas, simultaneamente, havia que dar visibilidade pública à literatura para a infância, resgatá-la desse *ghetto* de curiosidades pedagógicas a que estava confinada, mostrar a sua relevância social e a sua importância na educação literária. Procurei trabalhar, dentro das minhas possibilidades, em várias frentes – e não fui o único. Fi-lo, com alguns (poucos) colegas, organizando, co-organizando ou comissariando encontros de estudo e reflexão, intervindo em sessões para pais e professores, apresentei comunicações. Contribuí activamente para a refundação da Secção Portuguesa do IBBY (International Board on Books for Young People), mais tarde Associação Portuguesa para a Promoção do Livro Infantil e Juvenil (APPLIJ), de que fui presidente. Com a militante e desinteressada colaboração de José Oliveira (o mais informado editor português de livros para os mais novos, actual presidente da APPLIJ), restabelecemos os contactos internacionais. Começámos a divulgar nos *media* e pelas Bibliotecas, anualmente, a Mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil (2 de Abril) – há cerca de 20 anos que a traduzo e difundo –, a propor as candidaturas portuguesas aos Prémios Hans Christian Andersen e a proceder às nomeações para a Lista de Honra do IBBY. Os contactos com a directora do então Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB), Teresa Gil, viabilizaram a criação de um Prémio Nacional de Ilustração, em colaboração com a APPLIJ, por proposta minha, de José Oliveira e de Manuela Bacelar. E surgiu também a ideia de promover por todo o país, nas novas Bibliotecas da Rede de Leitura Pública, pequenos cursos para mediadores sobre literatura para a infância e promoção da leitura. Ainda hoje prosseguem tais acções – agora promovidas pela Direcção Geral do Livro – para cujos programas, nos primeiros anos, montei uma matriz, tendo eu mesmo, na década de noventa, realizado vários cursos de curta duração em diferentes localidades, tal como o fizeram Maria Elisa Sousa, Rui Marques Veloso, Maria do Sameiro Pedro, Violante Florêncio e outros, assumindo-se sempre como membros da APPLIJ. Alguns de nós elaboraram orientadores de leitura e listas bibliográficas temáticas publicados pelo IPLB e difundidos pelas Bibliotecas Públicas. A par destas actividades, envidei esforços no sentido de que autarquias, bibliotecas e outras instituições promovessem exposições, pequenos encontros de reflexão, prémios literários e, por vezes, apoiei pessoalmente essas iniciativas. Numa época em que ninguém, em Portugal, falava de certos tópicos, insisti, em muitas intervenções públicas, na necessidade de dinamização de ateliers de

formação e encontros sobre a arte de contar, e fomentei, por outro lado, uma atenção particular à ilustração e ao álbum (género nuclear da literatura para crianças que, nos anos oitenta e noventa, praticamente não tinha tradição em Portugal). No plano da divulgação, e respondendo a um convite do semanário *Expresso*, publiquei durante anos dezenas e dezenas de recensões críticas sobre livros infantis e juvenis.

Na investigação, privilegiei duas linhas de trabalho: o estudo da criação poética (na origem do meu livro *A Poesia na Literatura para a Infância*, ASA, 1993) e uma revisitação diacrónica da escrita para crianças e jovens (leia-se *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, IPLB, 1997, trabalho que desenvolvi a convite do Ministério da Cultura). Nos anos 90, procurei, por outra parte, acompanhar a criação contemporânea e a sua evolução, através de diversos “Balanços do Ano Literário”, iniciativa anual do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, a que fui convidado a pertencer pelo seu então presidente, Fernando J. B. Martinho.

Fiz um esforço por estudar os clássicos da literatura portuguesa para a infância e examinar obras de autores que corriam o risco de cair no esquecimento. Isto implicou muitas horas passadas na Biblioteca Nacional, em Lisboa, e na Biblioteca Municipal do Porto, compulsando edições antigas por vezes não reeditadas. A carência de teoria e crítica de literatura infantil escritas em português encaminhou-me desde cedo para a consulta de bibliografia em francês, inglês e outras línguas. E influenciei positivamente, sempre que pude, certas edições e reedições, bem como a publicação de traduções de obras estrangeiras de qualidade através de uma acção de convencimento junto de diversos editores. Também encaminhei alguns criadores para aquelas que são hoje as suas editoras.

Importa dizer que um episódico curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas – Época Contemporânea (teoricamente com especialização em Literatura Infantil e nascido da iniciativa de Maria Laura Bettencourt Pires), na Universidade Nova de Lisboa, bem como um outro em Ensino do Português, na Universidade do Porto, em finais dos anos oitenta, inícios de noventa (e eu frequentei o primeiro), abriram portas a teses de mestrado em Literatura Infantil. O que esteve na origem da publicação, no início da década de noventa, de estudos sobre Matilde Rosa Araújo e a poesia para crianças (de minha autoria), sobre Irene Lisboa e Aquilino Ribeiro e as suas obras para

a infância (por Violante Florêncio e Rui Marques Veloso, respectivamente) e ainda sobre as “rimas infantis” da tradição oral (por Maria José Costa que, por sua vez, começou a organizar os encontros promovidos nos anos noventa pela editora Civilização) e sobre os contos tradicionais portugueses, as suas relações com o conto para crianças e as suas utilizações em contexto escolar (Maria Emília Traça, Maria Augusta Seabra Diniz). A edição de um trabalho sobre literatura infantil portuguesa do século XIX, por Glória Bastos, tem as mesmas raízes.

Todos estes estudos (por vezes sem orientações propriamente especializadas por parte dos respectivos orientadores), a par de *Literatura Infantil, História, Teoria, Interpretações* (Porto Editora, 1994) – um relevante conjunto de ensaios de Américo Lindeza Diogo, professor da Universidade do Minho –, bem como as actividades a que fiz referência concorreram, positivamente, para que a literatura para a infância adquirisse visibilidade pública e, finalmente, a Universidade se abrisse à possibilidade de investigar neste campo dos estudos literários. O culminar deste processo, em 1999, foi a fundação, por mim, da primeira revista portuguesa sobre literatura para a infância: *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*, que, a partir de 2007 e do seu número 15, passou a ser uma revista científica especializada, portuguesa e galega, com uma direcção partilhada entre Portugal e a Galiza e um comité científico luso-galego.

339

AMR/B-ARR. *Como vê a literatura infantil portuguesa, uma vez que a tem estudado, de forma aprofundada e continuada, como nenhum outro investigador em Portugal? E os estudos sobre a literatura para a infância?*

JAG. Creio em primeiro lugar que podemos orgulhar-nos da já longa história da nossa literatura infantil, bem como da qualidade literária dos nossos clássicos, que aqui recorro sem a preocupação de ser exaustivo: além de um punhado de poemas de Antero de Quental, Gomes Leal e Pessoa, obras inesquecíveis de Ana de Castro Osório, Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, António Sérgio, Maria Lamas, José Gomes Ferreira, Olavo d’Eça Leal, Irene Lisboa, Alves Redol, Sidónio Muralha, Ricardo Alberty, Ilse Losa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Matilde Rosa Araújo, entre outros.

Olhando a actualidade, creio que a poesia portuguesa para crianças é merecedora de leitura atenta. Do conto, seria urgente organizar antologias críticas

que tornassem visível a elevada qualidade de muitos textos editados ao longo do século XX. A nossa literatura dramática carece de mais estudos e também de reedições e antologias que coloquem em evidência certos textos particularmente conseguidos (e possuímos várias pérolas, mesmo na actualidade). Com meia dúzia de muito honrosas excepções, a narrativa para pré-adolescentes e adolescentes não é muito estimulante. Afectam-na a escassa diversidade em termos genológicos e uma aflitiva falta de consciência da relevância, por um lado, de contribuir para a construção de uma memória da história recente e, por outro, de se abrir à diversidade das culturas.

Quanto ao álbum para os mais pequenos, tem dado passos dignos de nota na última década, com novas e ousadas editoras e ilustradores criativos, mas a sua tradição é ainda pobre em Portugal. Não obstante os excelentes ilustradores no activo, julgo que haverá que pensar mais em que a imagem, no livro infantil, é sobretudo uma arte aplicada (ao serviço da narração, por exemplo) e não propriamente um espaço para todas as aventuras e desvarios gráficos difíceis de exibir, pelo seu anacronismo, em outros suportes e espaços e que, por isso, qual gato por lebre, vão parar ao livro para a infância.

340

Quanto à investigação, faltam estudos sérios sobre a questão do *design* gráfico no livro para crianças, considerando a multiplicidade das suas dimensões, e sobre a paratextualidade. Existem também graves lacunas na investigação sobre ilustração (paradoxalmente, abundam exposições e catálogos) embora um ou outro investigador comece a atentar, de forma séria, nesta componente do livro para crianças e no modo como ela se articula com o texto literário para construir a semiose. No domínio da crítica universitária, creio que se verificou uma significativa evolução nos últimos quinze anos. A partir do ano 2000, assistiu-se ao emergir quer de uma nova geração de interessados no livro infantil, quer de um pequeno núcleo de estudiosos de grande mérito científico. Existem, contudo, muitos domínios dos estudos literários que se encontram a descoberto, no que à literatura infantil diz respeito. Sobretudo nos campos da teoria e da história, no dos estudos comparatistas, no da arquitextualidade. E também é verdade que as obras de muitos autores canonizáveis continuam por desbravar. Faltam, por outro lado, estudos centrados na recepção e na sociologia da leitura, para não falar na investigação sobre o trabalho de mediação, em escolas, bibliotecas e centros de apoio social. A Rede Temática de Literatura Infantil e Juvenil do Marco Ibérico e Ibero-americano (LIJMI), que agrega investigadores de todos os idiomas peninsulares, já iden-

tificou essas lacunas e tornou públicas as linhas de investigação que carecem de desenvolvimento.

Não obstante o progresso nestes estudos, também sofremos, em Portugal, os efeitos menos positivos que a maior visibilidade da literatura infantil acarretou: por exemplo a praga dos “animadores da leitura” que, muitas vezes, pouco conhecem sobre as grandes obras do passado e do presente, e sobre a própria história da literatura, confundindo um ludismo inconsequente, acrítico e festivo, com a verdadeira, e necessária, formação de leitores literários. Também chegaram os que da literatura infantil se limitam a ter uma perspectiva utilitária e “politicamente correcta”, vendo-a ao serviço seja da educação moral e cívica, seja do ensino.

Proliferam ainda, em encontros e noutros espaços de discussão, os que, arrebatados por súbitas paixonetas mais pelo universo da ilustração *tout court* do que propriamente pela leitura da imagem, do texto literário e das suas inter-relações semióticas, exibem uma visão piedosa da ilustração, do livro infantil em geral e do mundo da criança – que em boa verdade não conhecem.

AMR/B-ARR. *Os seus estudos sobre a literatura para adultos recaem sobretudo no universo poético. Prefere a poesia à prosa? E como vê o actual panorama poético português?*

JAG. Prefiro, de facto, a poesia à prosa narrativa, mas os meus gostos vão-se alterando. E também me sinto atraído por obras um pouco híbridas, por vezes de cariz fragmentário, em que as fronteiras entre poesia e prosa se esbatem. É o que ocorre com as escritoras portuguesas Irene Lisboa ou Luísa Dacosta. Estudei a obra desta última na minha tese de doutoramento, do ponto de vista da poética da escrita autobiográfica – que também me interessa de forma particular.

A poesia portuguesa deu-nos, no século passado, aquilo a que alguns críticos chamaram um “século de ouro” (Pessanha, Pascoaes, Pessoa, Sá-Carneiro, Nemésio, Carlos de Oliveira, Cesariny, Alexandre O’Neill, Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Ramos Rosa, Herberto Helder, Ruy Belo, Luíza Neto Jorge, Fíama Hasse Pais Brandão e alguns outros). Com raras excepções, estamos hoje muito longe do nível alcançado por estas vozes. Ademais, desgosta-me a acomodação da maioria dos actuais

poetas portugueses, ocupados de mais com a marcação de terreno canónico, alérgicos à política e às ideologias, que aliás, sem eles por vezes darem conta, contaminam por inteiro a sua escrita. Por estas e outras razões, a produção poética portuguesa editada a partir do início dos anos 90 foi-me desinteressando em favor dos poetas estrangeiros que vou descobrindo. Duas ou três excepções: os precocemente desaparecidos Luís Miguel Nava (1957-1995) e Daniel Faria (1971-1999) e ainda Manuel Gusmão, para mim a voz mais singular da poesia portuguesa actual.

AMR/B-ARR. *Que opina sobre a crítica literaria em Portugal?*

JAG. A crítica universitária em Portugal tem, em geral, prestações de elevado nível e vem expandindo gradualmente os âmbitos da investigação, acompanhando em simultâneo a evolução dos próprios estudos literários e inscrevendo-se em quadros teóricos por vezes muito diferenciados. Mas, cingindo-me à literatura portuguesa, é triste lembrar que a morte nos roubou, nas três últimas décadas, alguns mestres insubstituíveis, como Jorge de Sena, em 1978, Jacinto do Prado Coelho, em 1984, António José Saraiva, em 1993, David Mourão-Ferreira, em 1996. Graças aos deuses, está vivo outro mestre de excepção, Óscar Lopes, cujos 90 anos foram celebrados com uma grande homenagem em 2007. Para muitos, mantêm-se como referências Eduardo Lourenço e Vítor Manuel de Aguiar e Silva (nos estudos camonianos e também na sua condição de teórico da literatura de craveira internacional). É deprimente, contudo, pensar que o tempo desses grandes mestres se vai escoando, sem que outros venham alimentar o caudal.

Quanto à crítica em suporte jornalístico e/ou de divulgação, praticamente extinguiu-se, em parte devido ao gradual desaparecimento dos chamados suplementos literários e das páginas sobre livros em jornais. Será a blogosfera uma alternativa? Em certos casos, começa a ser. A imprensa cultural, por seu lado, centrada no pequeno mundo lisboeta, não tem sabido resistir à contaminação das suas páginas pelo *fait divers*, pelo fogacho mediático e pelas “curiosidades” sobre a vida artística e cultural, empobrecendo o debate de ideias e a abordagem séria da criação literária. Com a morte recente de um dos últimos críticos de renome da imprensa (Eduardo Prado Coelho), resta outra voz de notável inteligência crítica e sólida formação, António Guerreiro, cuja intervenção vai resistindo na secção de livros do maior semanário português: o *Expresso*.

AMR/B-ARR. *Como concilia o estudioso de literatura com o autor literário?*

JAG. É uma pergunta difícil de responder. Será legítimo o esforço um tanto esquizofrénico que por vezes faço para dissociar os dois? Certo é que o motivo do “duplo” sempre me seduziu. Por isso, numa linha heteronímica (que na modernidade portuguesa é vincada, por causa de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, que leio desde a primeira adolescência), reinventei até os dados civis do autor literário, instituindo-lhe uma data (1957) e um local de nascimento (Porto) diferentes dos do “estudioso de literatura”. Gosto de me iludir, pensando que o libertei assim de algumas “prisões”: possuir um número de bilhete de identidade, um número fiscal, um número de cartão bancário, um número, em suma, controlável pelo Estado.

Seja como for, acho que nem sempre consigo manter um olhar inocente (ou seja de não-crítico) sobre a minha criação literária. O que pode ser bom e mau ao mesmo tempo. Que o digam outros.

A criação literária (para adultos e crianças)

343

AMR/B-ARR. *Escolheu o nome literário João Pedro Mésseder para assinar a sua obra literária. A que se deve a escolha deste nome?*

JAG. Deve-se justamente à tentativa de separar o estudioso do autor literário (e o autor empírico do sujeito da escrita). Mas também ao impulso de retornar a certas origens, isto é, ao nome próprio que eu desejava ter em criança (João), e a um apelido (esdrúxulo) em relação ao qual tenho laços de família. Quis regressar, por outro lado, a um ponto de (re)início da escrita literária, “apagando” assim muito do que antes assinara com o meu nome próprio.

AMR/B-ARR. *Só começou a publicar em 1999, mas começou a escrever muito antes. Lembra-se como? E que circunstâncias o motivaram para a escrita e também para a publicação?*

JAG. Bom, aos catorze anos, já tentava escrever versos, como muita gente, em geral motivados por meninas que conhecia ou desejava conhecer ou pela típica necessidade adolescente de exprimir uns verdes anos em colisão com o mundo. E publiquei poemas nos anos 70 e 80 em revistas e suplementos lite-

rários de jornais, bem como três pequenos livros sem mérito, assinados com o meu nome próprio, em 1984, 1991 e 1994, o primeiro e o segundo em edições de autor. Há versos meus nos quatro volumes do *Anuário de Poesia* editado pela Assírio & Alvim entre 1984 e 1987, antologias onde eram publicados poetas não editados (seleccionados por júris que foram constituídos pelos poetas José Bento, Fernando Luís, José Agostinho Baptista, Miguel Serras Pereira, Fíama Hasse Pais Brandão, João Rui de Sousa e Adília Lopes – que se revelara no primeiro anuário).

Embora tenha recuperado um ou outro texto dessa época, quis cortar com esse tempo e recomecei a publicar em 1999, com o nome literário (semi-heterónimo, gosto de lhe chamar, como chamava Pessoa a Bernardo Soares).

Quanto às circunstâncias que me motivaram para a escrita e para a publicação, algumas adivinham-se nas linhas e entrelinhas de outras respostas a esta entrevista. Por pudor, não quero repetir, por diferentes palavras, o que muitos outros já disseram antes de mim sobre o mesmo assunto. Fico-me por um “escrevo porque sim”.

344

AMR/B-ARR. *Uma leitura da sua produção literária, tanto para crianças como para adultos, permite, desde logo, identificar as formas breves, quer no domínio da prosa (micro-conto) quer da poesia, como as mais dominantes. Como explica este gosto pela brevidade formal?*

JAG. Sobretudo em poesia, dou-me mal com as composições muito extensas e com livros volumosos (uma ressalva para os magníficos poemas longos de Ruy Belo). Já o mesmo se não passa em relação à prosa. E, em matéria de preferências poéticas, as minhas afinidades electivas sempre me aproximaram de autores que cultivam a concisão e o despojamento, a brevidade e a escrita fragmentária, géneros como o aforismo, o haiku, a gregueria, o micro-conto. Tenho uma inclinação para miniaturas, mesmo no quotidiano. Em pintura, aprecio o pequeno formato, o esboço, o desenho inacabado. E, em escultura e arquitectura, aquelas obras da Antiguidade que o tempo impiedoso mutilou.

Nos melhores exemplos daquilo a que se convencionou chamar formas breves encontro uma contenção tensa que é verdadeiramente explosiva em termos de sentido e descubro aquela qualidade da “leveza” de que falava Italo Calvino, nas suas lições americanas.

Por outro lado, se pensarmos bem, a literatura infantil caracteriza-se por uma recorrente presença das “formas breves”. E eu trabalho também em literatura infantil.

AMR/B-ARR. *Outro elemento marcante é a obsessão pela palavra. A busca de novas palavras ou de novos sentidos para as que já conhecemos transforma-se quase em demanda poética. A que se deve este gosto? Parece-lhe que a forma e o som da palavra podem determinar o seu sentido e a leitura que dela fazemos? Quais são, afinal, as suas palavras de eleição?*

JAG. Creio que essa demanda corresponde à tentativa vã de resgatar certas palavras do inferno do uso quotidiano e político-mediático, uma tentativa, ainda, de desvelar significados “esquecidos” ou “ocultos” em cada termo, considerando a sua etimologia ou o poder de sugestão fonico-semântica. Outras vezes, é a utopia de reinventar a dimensão sémica de certas palavras – muito mais insinuantes, em suma, do que à primeira vista parecem – ou, até, de fundar uma nova linguagem. Tal impulso está na origem de *Elucidário de Youkali seguido de Ordem Alfabética*, de alguns dos textos de *Abrasivas* e mesmo de certos poemas para crianças, sobretudo em *De que Cor É o Desejo?* (Caminho, 2000), em *O g É um Gato Enroscado* (Caminho, 2003) e nos Glossários de *Breviário do Sol* (Caminho, 2002) e *Breviário da Água* (Caminho, 2004).

345

Por outro lado, mantenho-me fiel àquela velha sentença de Roland Barthes, cuja problemática remonta ao *Crátilo* de Platão e passa por Saussure: “No fundo, o escritor sempre acreditou que os signos não são arbitrários e que o nome é uma propriedade natural da coisa.”

As minhas palavras de eleição vão mudando, é claro, mas muitas continuam a fazer-me companhia: pedra, árvore, rocio, zimbro, orégão, buganvília, sandália, sândalo, cisne, mãe, vermelho... E também nomes de países, regiões, cidades: Nicarágua, Guatemala, Alentejo, Havana, Veneza, Messina, Siracusa, Agrigento...

AMR/B-ARR. *Quais são as suas principais influências? Que livros e que autores relê continuamente?*

JAG. Sobre influências, não me é fácil responder (nunca o é, para nenhum autor, creio). Mas, considerando a escrita, não tenho dúvidas de que sou feito

de muito do que li e reli. Uma breve lista de alguns dos que não esqueci: Safo, a Antologia Palatina. Matsuo Bashô e outros mestres do haiku. Iannis Ritsos, Cavafis, Odysseas Elytis e Giorgos Seferis. Novalis, Rilke, Brecht, Paul Celan. Jane Austen, Stevenson, Oscar Wilde. Jorge Manrique, Lorca, Machado, Alberti, Cernuda, Ramón Gomez de la Serna, Jaime Gil de Biedma e Gonzalo Navaza (cujo *Elucidário* descobri, por amiga sugestão de Anxo Tarrío Varela, já depois de ter publicado o meu *Elucidário de Youkali seguido de Ordem Alfabética*). Neruda e os poemas cantados de Violeta Parra, Octavio Paz, Juan Gelman e Alejandra Pizarnik. Mark Twain, e. e. cummings e William Carlos Williams. Baudelaire, Flaubert, Proust, Michel Leiris, Guillevic, Yourcenar. Umberto Saba, Ungaretti, Sandro Penna e Tonino Guerra. Maiakovski e Anna Akhmatova. Nazim Hickmet. Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Paulo Leminski.

E, é claro, a poesia portuguesa: as Cantigas de Amigo galaico-portuguesas, Camões, Camilo Pessanha, Pessoa e heterónimos, Carlos de Oliveira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Alexandre O'Neill e Mário Cesariny, entre muitos outros. E a prosa portuguesa: Fernão Lopes, Fernão Mendes Pinto, Padre António Vieira, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Irene Lisboa, Nemésio, Manuel da Fonseca, Nuno Bragança, Mário de Carvalho.

A literatura infantil e juvenil estrangeira merece também entrar nesta lista: Ursula Wölfel, Alki Zei, Uri Orlev e tantos outros.

E certos ensaístas que, por vezes, nos dão mais prazer a ler do que os próprios poetas e romancistas: Óscar Lopes, Barthes, Calvino, Steiner...

AMR/B-ARR. *Como criador, como vê a crítica que tem sido feita aos seus trabalhos?*

JAG. A crítica de que posso falar é sobretudo a de cariz universitário, pois, em jornais e revistas de grande circulação, limito-me a merecer, como outros por vezes merecem, umas poucas linhas em registo de divulgação – isto devido ao declínio da imprensa cultural e das secções de livros em jornais. Não quero mencionar nomes, mas julgo ter a sorte de ter tido, por parte de um muito restrito núcleo de leitores de raiz académica, uma atenção que porventura não mereço e, sobretudo, uma argúcia e uma sensibilidade, em termos de leitura crítica, que por vezes constituem um estímulo. E aprendo sempre lendo esses textos – eu que invariavelmente sinto imensas dúvidas em relação ao que escrevo.

AMR/B-ARR. *Que opina das traducións dalgunhas das súas obras ao galego?*

JAG. *Fiz das Pernas Coração* (Caminho, 2000), antologia de contos tradicionais portugueses que organizei, foi vertida para galego e publicada por Edicións Ir Indo. Pareceu-me uma boa tradução. *Como Um Pé de Vento / Como un Golpe de Vento* (Xunta de Galicia, 2006) é uma pequena novela juvenil fantástica, bilingue, concebida com a colaboração de centenas de meninos galegos e portugueses, que tive o privilégio de escrever com Gloria Sánchez, Paco Martín e a escritora portuguesa Anabela Mimoso – tendo por trás o apoio imprescindível desse homem admirável, incansável promotor da leitura e da interculturalidade, que é Xavier Senín, e de Helena Gil. Teve este trabalho a grande virtude de podermos apurar, em cooperação uns com os outros, uma versão galega e outra portuguesa do mesmo texto, o que a todos permitiu conhecermo-nos melhor, entendermos melhor a cultura e o idioma do outro. Perfeita (se assim se pode dizer), e atenta às subtilezas semânticas, é a versão galega dos aforismos e textos similares que publiquei, em edição bilingue, em *Abrasiveas* (Deriva, 2005). Aguardo, com alguma expectativa, a tradução galega de *Trocar as Voltas ao Tempo*, um álbum com ilustrações de Gémeo Luís que será publicado por Kalandraka em 2009 – creio – e que obteve uma recomendação do Júri do Prémio Compostela 2008 para álbuns infantis.

347

AMR/B-ARR. *Dado que esta entrevista se destina ao Boletín Galego de Literatura, gostaríamos que nos falasse da sua relação com escritores galegos e com a própria literatura galega, se a teve/tem.*

JAG. Há muito que os trovadores galaico-portugueses da Idade Média e a lírica de Rosalía de Castro me seduzem enormemente – e diria até que há ecos dos primeiros na minha poesia para a infância. Lembro que uma das mais famosas canções de resistência ao fascismo em Portugal, escutada na adolescência, tinha por base um belíssimo poema de Rosalía – “Este parte, aquele parte e todos, todos se vão...” (“Cantar de Emigração”) – e era cantada pela voz de timbre puro de Adriano Correia de Oliveira, com música de José Niza. Recordo ainda a leitura, nos anos oitenta, da antologia de poesia galega de combate *De Foice Erguida*, que José Viale Moutinho organizou em 1978, na qual pude ler, pela primeira vez, versos de Pondal, Curros Enríquez, Cabanillas, Celso Emílio Ferreiro, Manuel Maria, Uxio Novoneira, Mendez Ferrín e vários outros. Lembro também, dessa época, *Sonhos na Gaiola*, os versos de Manuel Maria para crianças, traduzidos para português por Arsénio Mota e António Cabral, em 1977.

Cedo me apercebi de que na Galiza, uma irmã mais velha de Portugal – se assim me posso exprimir –, a língua era também uma forma de resistência ao centralismo político e cultural, às colonizações político-linguísticas de diferentes matrizes. Era ainda um modo de afirmação de uma identidade, do direito a uma cultura e a um idioma. E apercebi-me, por outro lado, de que a sua consolidação enquanto língua de comunicação passava necessariamente pelo seu revigoreamento e contínuo desenvolvimento como língua literária. É, pois, uma causa que sempre apoiei com firmeza e continuarei a apoiar – por exemplo nos júris do Prémio de Ficção do Eixo-Atlântico, em que participei, por duas ou três vezes, com companheiros portugueses e galegos. Orgulho-me de ter contribuído para a atribuição de um deles a *Ébora* de Xosé Carlos Caneiro.

Mas a minha relação com a literatura galega moderna e contemporânea é relativamente recente. Em parte, foi motivada pelos contactos que comecei a estabelecer com escritores, ilustradores e estudiosos nos anos noventa, quer no âmbito da investigação, quer no quadro dos Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil que co-organizo no Porto há treze anos – e que têm contado com a presença de muitos e muitos criadores galegos, além de investigadores, editores e mediadores da leitura – com muitos dos quais construí laços de funda amizade.

348

O meu interesse e curiosidade pela poesia contemporânea tem-me levado a descobrir e a ler – talvez um pouco indisciplinadamente, é certo – poetas contemporâneos que aprecio, como Luz Pozo Garza, Avilés de Taramancos, Xosé Maria Álvarez Cáccamo, Miguel Anxo Fernán-Vello, Xavier Rodríguez Baixeras, Pilar Pallares, Chus Pato, o Manuel Rivas de *Costa da Morte Blues*, Gonzalo Navaza, Marica Campo, Fran Alonso, Estevo Creus, Emma Couceiro, Yolanda Castaño e outros. Em *dEfecto 2000. Antoloxia de Poetas dos 90*, por exemplo, existem vozes interessantíssimas, a primeira das quais é Marilar Aleixandre – cujo belíssimo *Catálogo de Venenos* (tradução portuguesa de Paula Cruz editada por Deriva) tive a honra de apresentar no Porto (Marilar que é também uma importantíssima autora de livros infantis e juvenis, como se sabe).

A minha atenção tem-se centrado também na literatura infantil e juvenil. Fui-me apercebendo da seriedade e rigor que muitos autores galegos investem na criação literária para os mais jovens e, hoje, dou-me conta de uma diversidade de géneros e de um vigor criativo surpreendentes na escrita galega para a

infância e a juventude. Esta escrita concorre quer para a forte afirmação literária de um idioma durante tanto tempo mantido na penumbra por motivos políticos – o Galego – quer para a expressão de um imaginário singular e de uma identidade cultural nacional, muito rica e umbilicalmente ligada a Portugal. Se, na poesia infantil, tenho aprendido muito a ler autores como Gloria Sánchez, António Garcia Teijeiro, Fran Alonso, Ana Maria Fernández, Helena Villar Janeiro, Marica Campo e outros, admiro, por outro lado, a pujança da ficção narrativa para jovens: Paco Martín, Agustín Fernández Paz, Marilar Aleixandre, Xabier P. Docampo, para apenas citar uns quantos nomes. Este entusiasmo motivou-me a contribuir activamente para a edição, em Portugal, de vários destes autores. Enquanto trabalhei como conselheiro literário da editora Ambar, fiz publicar em português diversas novelas de Agustín Fernández Paz, Miguel Vazquez Freire, Xabier P. Docampo, Fina Casalderrey, Xosé A. Neira Cruz, Marilar Aleixandre e outros. Hoje, por vezes, dou também pequenas ajudas a minha mulher, Isabel Ramalhete, que tem traduzido tanto obras de literatura juvenil, como outros títulos, por exemplo de Manuel Rivas, Xurxo Borrazás e Xavier Queipo.

A Galiza tem, há muito, lugar cativo no meu coração. E os meus amigos galegos são, sem sombra de dúvida, dos que mais ajudam a iluminar o caminho que escolhi seguir.

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro

Blanca Ana Roig-Rechou
Universidade de Santiago de Compostela